

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS

MPB – Uma forma de Oração*

Carlos Eduardo B. Calvani

A canção popular pode ser uma forma de oração “não-intencional”, composta daquelas palavras que não somos nós que dizemos. Elas se dizem sozinhas. E ao se dizerem, ao jorrarem do nosso interior, mostram a verdade que habita em nós, revelam nosso desamparo, nostalgia, nossos sonhos e ideais. São palavras que surgem inesperadamente, tal como suspiros e falam do ar frio das montanhas e da escuridão dos abismos que nos envolvem.

Talvez por isso, as mais belas orações bíblicas são também as mais curtas. Compostas de frases curtas como o Pai Nosso, ou de pequenas sentenças tais como: “Senhor, por que me desamparaste?”, “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem...”. São suspiros que comprovam aquilo que Elliot dizia com muita propriedade: “temos conhecimento de muitas palavras, mas total ignorância da Palavra” - aquela Palavra com “P” maiúsculo, pronunciada com toda paixão do corpo e da alma. Aquela Palavra pronunciada em forma de poesia e que também recebe o nome de oração. Fernando Pessoa dizia que é no silêncio que existe no intervalo entre as palavras que se ouve a voz de um Ser qualquer alheio a nós, que nos fala. O nome desse Ser não importa. Todos os nomes são metáforas para o Grande mistério inominável que nos envolve.

O Evangelho de Lucas nos mostra o exemplo de uma das mais belas orações não-intencionais já registradas: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite se aproxima”. Aqueles que a pronunciaram não sabiam que estavam diante do Cristo ressuscitado. Todos nós conhecemos essa narrativa. Eram dois simpatizantes de Cristo, que voltavam para Emaús após a morte de Jesus. Eles ainda não sabiam da ressurreição de Cristo. O texto nos diz qual era sua situação: eles estavam tristes e desanimados (“com o rosto sombrio” - v. 17); estavam frustrados e decepcionados com a religião de sua época (“nossos sacerdotes e líderes religiosos o entregaram à morte” - v.20); e, finalmente, o texto deixa bem claro, que no momento em que pronunciaram aquela frase que revelava seu desejo mais profundo: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite se aproxima”, eles não sabiam que estavam diante do Cristo Ressuscitado.

Há muitas semelhanças entre esses fatos e a experiência de muitas pessoas hoje em dia, notadamente artistas, poetas e músicos. Muitos deles revelam em suas poesias, canções, obras de arte, um anseio enorme por transcendência, por auto-integração, por comunhão com o mistério. Há orações belíssimas em forma de canção, poesia e literatura. Assim como também há belíssimas orações não-conscientes em forma de pintura. Aqueles quadros em que as gravuras, formas geométricas ou o espetáculo das cores envolto por um grande vazio, diz tudo. E

* Artigo publicado na Revista *Tempo e Presença*, n. 328 (Koinonia, Rio de Janeiro, março/abril de 2003).

como dizia Vinícius de Moraes, no "Samba da bênção", "um bom samba é uma forma de oração"

Como eles, muitos de nós às vezes nos sentimos tristes e sem motivos para nos alegrarmos. Principalmente em nossos dias quando tanta coisa vai mal, é comum caminharmos cabisbaixos e de rosto sombrio. Nosso destino parece ser o mesmo deles: o passado, o retorno à velha vida. Mas eis que de repente, em meio a esses sentimentos sombrios, repetimos um refrão tal como "por isso uma força me leva a cantar, por isso essa força estranha no ar, por isso é que eu canto, não posso parar, por isso essa voz tamanha..." Isso nos enche de vitalidade, nos faz crer que a vida realmente pode ser diferente. E tentamos perpetuar esse momento. "Fica conosco, doce música, pois é tarde e a noite se aproxima..." Ah, que seria de nós sem aquelas canções que embalam nossa dor e nossa tristeza, e ao fazerem isso as tornam mais leves? Nesse momento a canção é uma oração.

Como aqueles discípulos, muitos de nós nos sentimos decepcionados com a religião de nosso tempo. Com o fato de tantos líderes religiosos sufocarem a mensagem de Cristo e esconderem-na atrás de mensagens institucionais; com o fato de os líderes religiosos serem às vezes tão dogmáticos, tão absolutamente certos, tão seguros de si mesmos. E o pior: independente da religião que sigam, todos mostram sua devoção a Deus criticando a religião alheia, ridicularizando e diminuindo as outras formas de crença e se bobearmos não hesitarão em provar o seu amor por Deus matando os que são diferentes. E nessas horas lembramo-nos da canção do Cazuza: "Vamos pedir piedade, Senhor piedade, pra essa gente careta e covarde... lhes dê grandeza e um pouco de coragem".

Além disso, tal qual aqueles discípulos, muitas pessoas também não conseguem perceber a presença de Deus em meio aos pequenos sinais do dia-a-dia. Durante toda caminhada de tristeza Cristo estava presente mas não foi reconhecido. Eles estavam tão negativos e amargurados que não foram capazes de reconhecer o Cristo ressuscitado. Mas aquela presença misteriosa de algum modo os abalou a ponto de pedirem: "fica conosco, pois já é tarde e a noite se aproxima". E nesse momento me recordo da canção: "Não adianta nem me abandonar, porque mistério sempre há de pintar por aí...".

Durante toda a caminhada Deus estava presente. E à medida que eles foram se sensibilizando mais com as palavras expostas por Cristo, foram se reencantando, experimentando o poder de uma presença graciosa que os fez orar, sem saber que estavam se dirigindo ao ressuscitado: "Fica conosco, pois já é tarde e a noite se aproxima".

Esse texto nos ensina a possibilidade de encontrar Deus nos caminhos da vida. Num bom livro de poesia; numa audição de canto coral, na harmonia de um oratório de Vivaldi ou na simplicidade de uma legítima canção de MPB. São obras de arte que expressam nossas aspirações e é por isso que nos encantam. Tudo aquilo que nos encanta e nos fascina, que nos deixa boquiabertos, que nos faz aplaudir, que nos induz a perpetuar aquele momento, nada mais é do que uma oração que atingiu as palavras adormecidas em nós, os anseios mais profundos do nosso coração.

A MPB é bastante rica no trato com a religiosidade. Em algumas canções o tema religioso é explícito, evidente, a letra está carregada de palavras de cunho religioso; em outras, é subliminar, mas em todas, sem dúvida, o sentimento religioso está presente.

Começemos, por exemplo, com Chico Buarque. Na sua produção artística o cotidiano desprovido de beleza é denunciado como asfixiante em sua repetição constante. Basta lembrar da canção em que "toda dia ela faz tudo sempre igual...". Nesse cotidiano marcado pela superficialidade, pelo tédio, a arte surge como elemento revigorante. Esse é o caso de "valsinha", em que um misterioso personagem transforma a vida de uma mulher quando a convida para dançar. Entregando-se ao prazer da dança, ela redescobre a beleza sufocada pelo peso do cotidiano.

Além desse aspecto, na produção de Chico Buarque a música também tem uma clara função de denúncia política. "Apesar de você" é um hino que deveria estar inserido no hinário de qualquer igreja. É excelente para revigorar a esperança dos abatidos. É uma canção de conforto, consolo e esperança, uma afirmação de fé em estilo apocalíptico diante do mal presente no mundo, do príncipe das trevas: "Hoje você é quem manda, mas amanhã há de ser outro dia".

Outro exemplo é "Pedaco de mim", canção que fala de saudade, ausência e necessidade de preencher o vazio deixado pelo ser amado com sinais simbólicos que nos remetam àquele que já não está presente. O tema é tipicamente eucarístico. De certo modo, os evangelhos e demais textos do Novo Testamento nasceram assim: são escritos de saudade, tentativas de preencher o vazio deixado pelo Cristo, textos formulados por pessoas que estavam arrumando o quarto do ente querido que partiu.

Finalmente, Chico tem uma canção belíssima chamada "Geni e o Zepelim" que eu apenas a cito como um desafio a vocês. Ouçam-na tendo em mente a doutrina da expiação, o tema da história da salvação - o pecado e a redenção.

Em Caetano Veloso a música também é invocada para exorcizar o tédio e a tristeza. Na famosa "Podres poderes" ele chega a utilizar o verbo "salvar", tipicamente religioso, para falar dos "hermetismos pascais, os tons, os miltons, seus sons e seus dons geniais", os únicos capazes de nos salvar dessas trevas. É o mesmo tema de "Desde que o samba é samba": "Solidão apavora... mas alguma coisa acontece no quando, agora em mim, cantando eu mando a tristeza embora"

Quem não se lembra também de "Força Estranha", composta por Caetano, mas cantada por Roberto Carlos? Nela, o compositor reflete sobre o mistério do tempo, companheiro constante de todo ser humano em sua existência terrena. Na segunda estrofe, Caetano investe no tema da transformação do tempo cronológico em momento de contemplação. Isso se dá quando ele exercita o olhar contemplativo, repleto de admiração, sobre o processo de gestação de uma nova vida, "amiga da arte", no ventre da mulher. O refrão nomeia os mistérios que envolvem a vida, conceitualizados na imagem de uma "força estranha no ar" que o leva a cantar e a descobrir um inexplicável potencial na voz como veículo de expressão desses mistérios indecifráveis que residem na simplicidade da vida.

Gilberto Gil talvez seja o compositor mais interessado em articular conscientemente a temática religiosa em suas composições. Na sua obra, a arte, além de bálsamo, é também expressão privilegiada para referir-se ao mistério do ser. "Metáfora", por exemplo. Deus é exatamente essa lata do poeta, onde tudo e nada cabem. Em uma canção intitulada "Baião", Gil revela muito da inspiração do compositor popular, confirmando o que dissemos anteriormente: o baião enquanto expressão artística vem das profundidades. Nessa canção, Gil reflete sobre a procedência da música e conclui que sua fonte está nas insondáveis profundezas do inconsciente. A canção é baseada na imagem de um baile onde as pessoas que dançam ao som do baião são como que tomadas, possuídas, por uma força misteriosa "que sobe pelos pés da gente". A segunda estrofe relaciona a vitalidade da dança à energia divina. Aqui, o próprio Deus é o maestro da orquestra e compositor-mor, que inspira as danças populares (baião, xaxado e xote) produzindo alegria,

A última parte da canção aproxima-se de um símbolo constante na teologia de Tillich: a força espiritual que emerge das profundezas. Na canção, esse poder atinge os pés, provoca a dança e suscita a esperança (rimada com "sustança", sotaque nordestino para "substância"). Ao final, há uma homenagem a Asa Branca. Nesse clássico de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, revela-se a esperança que nunca deixou de abandonar o povo nordestino apesar de todo sofrimento causado pela seca e aridez. Os retirantes, ao primeiro sinal de chuva ou de verde animam-se em voltar para o sertão. Essa força, resistência e paixão pela vida que caracterizam o sofrido povo nordestino são atribuídas por Gil ao poder sagrado que emerge de subterrâneos espirituais,

Os mais jovens e mais chegados ao rock nacional, certamente lembrar-se-ão de Raul Seixas que, com toda sua irreverência, era profundamente religioso. Outros, como Renato Russo, traduziram em belíssimas letras o sentimento de vacuidade espiritual da juventude brasileira, dando um retrato de nossa situação. Não é possível ouvir as canções do Legião Urbana sem ter em mente que seu sucesso foi reflexo da capacidade que Renato Russo tinha de expressar os sentimentos do jovem brasileiro de classe média: "parece cocaína, mas é só tristeza... e há tempos o encanto está ausente e há ferrugem nos sorrisos".

Eu gostaria, finalmente, de citar uma canção dos Titãs: "Comida". É uma canção de protesto, mas que transcende em muito a visão materialista de certos setores da esquerda. Sem negar a urgência de atender a uma das necessidades mais básicas de todo ser humano, a alimentação, apontaram também outras necessidades, geralmente menosprezadas ou tachadas de reivindicações "burguesas": amor, diversão, arte, balé, felicidade e "prazer pra aliviar a dor". Observe-se que em nenhum momento a letra afirma que "comida" não é importante, mas atualiza artisticamente o versículo citado por Cristo mostrando que o pão nosso de cada dia deve conter outros ingredientes, essenciais à realização de uma pessoa em todos os sentidos: "a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte... a gente quer bebida, diversão, balé... a gente não quer só comer, a gente quer comer e quer fazer amor".

Percebam que o discurso almeja a satisfação daqueles desejos e necessidades que geralmente são relegadas aos últimos lugares nas pautas de prioridades das lutas políticas. De fato, a arte, a diversão e a cultura sempre são as últimas

exigências a terem sua satisfação garantida (quando têm). O grande sucesso da canção indica o fato de ela revelar que a juventude brasileira não é materialista como sugerem certos discursos religiosos. Num mundo em que a tecnologia e a massificação avançam aceleradamente, o alimento que o ser humano necessita para satisfazer suas demandas não é apenas orgânico. Se precisamos de comida pra sobreviver, carecemos também de uma série de outras coisas que nos integralizam enquanto pessoas.

Mesmo nas manifestações culturais não associadas diretamente ao que se convencionou chamar "religião" não está ausente uma "preocupação última" ou uma postura religiosa. Assim, os rituais celebrados pelos grupos religiosos, as igrejas, etc, podem ser qualificados como "intencionalmente" religiosos; mas outras manifestações relacionadas ao mundo secular não deixam de ser religiosas em sua base e inspiração, embora encontrem formas culturais de expressão que não são batizadas com termos religiosos.

É por isso que as artes merecem ser vistas positivamente e não do modo negativo como geralmente a igreja as vê. Por puro preconceito cultural, os jovens das igrejas de hoje não conhecem quase nada de MPB, mal sabem diferenciar um Gilberto Gil de um Chico Buarque, não apreciam um bom samba de Vinícius de Moraes... entretanto, estão por dentro dos últimos lançamentos do mundo gospel americano.

Embora nenhum dos compositores mencionados guarde relações de proximidade ou intimidade com igrejas ou grupos cristãos, isso não desqualifica sua religiosidade. De fato, ao analisarmos suas canções, chegamos a uma constatação bastante preocupante: a igreja parece ser absolutamente irrelevante às suas vidas. Em sua produção artística, sempre que as palavras "igreja", "padre", "pastor" e outras afins aparecem, sempre há um tom de crítica ou a denúncia de alguma contradição. A tarefa da teologia da cultura não é ocultar isso, mas simplesmente constatar esse fato sem tentar disfarçá-lo. Porém, a despeito de toda indiferença que demonstram para com a igreja, ainda é possível, à luz do "princípio protestante", qualificar a produção musical desses artistas como de "vanguarda profética", pois dentre as características do "princípio protestante" está sua autonomia em relação aos grupos religiosos, o que garante a possibilidade da crítica e do questionamento desses mesmos grupos.

Observamos na produção teológica de Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil a freqüência constante de um tema: a capacidade que a música tem de ser um lugar privilegiado para se viver uma espécie de mística secularizada. Por meio das artes, da poesia e da música, muitas pessoas experimentam comunhão com o transcendente na medida em que se deixam encantar, inebriar e encharcar de beleza a vida. Em Chico Buarque, o cotidiano, o tédio e a falta de sentido da vida são enfrentados e superados mediante a arte musical concenceitualizada na expressão "samba", com tudo o que isso ritmo evoca. Em Gil, a música popular se torna sacra na medida em que é canal de comunicação com as forças primordiais da vida, transformando o palco num altar ou a pista de dança num espaço sagrado de onde se extrai vitalidade. O mesmo tema ocorre também em Caetano, elogiando com expressões do universo religioso seus colegas compositores que, na visão do artista, são aqueles "que velam pela alegria do mundo".

A leitura teológica de canções da MPB nos revela muito sobre os sentimentos religiosos de nossos compositores e que não deixam de ser, também, por extensão, os sentimentos de todo um público consumidor formado por pessoas de diversas classes e idades. Mesmo no rock brasileiro, percebemos em várias canções que, por trás da imagem de "rebelde-sem-causa" fabricada para muitos artistas, existem pessoas inquietas e impressionadas com o mistério da vida, conscientes da existência de algo/alguém além dessa instância em que vivemos, um poder maior capaz de dar razão e sentido à existência, questionar valores, produzir vitalidade e pôr ordem e harmonia no caos. As reações perante essa transcendência variam de acordo com a história de vida de cada um. Algumas canções que são aplaudidas, cantadas e acompanhadas com o balanço dos corpos e que por vezes levam à meditação ou às lágrimas revelam que o ser humano ainda se importa em buscar respostas significativas à vida, ao absurdo que nos rodeia, ao tédio do cotidiano, à solidão das grandes cidades, à ausência de ideais, à tristeza, dor e insuficiência ontológica de nossas vidas.

Apesar de todo avanço da tecnologia, o mundo ainda pede sentido e clama por alegria e reencantamento. A questão, porém, é saber se as religiões tradicionais continuam a ter o poder de fazer isso sem criar neuroses e dividir as pessoas por meio de cercas dogmáticas. As constantes guerras e desentendimentos nascidos da disputa entre religiões que se apresentam como o único caminho para Deus nos fazem duvidar, no momento, dessa possibilidade. Ainda que o sejam, em todo caso, a arte também é capaz, à sua maneira, de reencantar o mundo. Os artistas, com seu sacerdócio e dons naturais, são capazes de compreender e revelar a pequenez e fragilidade humana, e nos motivar a enfrentar a transitoriedade e prestar contas ao transcendente. As religiões tradicionais há séculos tentam dar respostas definitivas, eternas e exclusivas, mas continuam a cair no descrédito da juventude mais sensível devido às suas contradições e à grande inclinação que têm alguns grupos a elas ligados de fomentar o ódio, a morte, a violência e a opressão social e psíquica em nome de Deus. Os radicais islâmicos tentam responder ao mistério do sagrado com a carnificina do terrorismo e uma moral primitiva; pastores evangélicos confundem o anúncio de Cristo com lavagens cerebrais e terrorismo psíquico; fundamentalistas cristãos apoiam Bush e as novas cruzadas bélicas contra povos não-cristãos; os espíritas insistem em nos aprisionar em karmas e reencarnações purgadoras; setores da igreja católica satanizam a sexualidade e perseguem minorias. As religiões tradicionais nesse fim-de-século convivem com o fracasso, não representam praticamente nada para muitos setores da população e não conseguem mais lidar adequadamente com aquilo que as constitui: o glorioso e abissal mistério resplandecente de Deus. Mas se as religiões tradicionais estão em crise, o sagrado busca outros caminhos de comunhão, revelação e salvação; a arte é um deles. Resta à teologia contemporânea decifrar os sinais do sagrado na espiritualidade das canções populares. A tecnologia do mundo moderno e a falência das religiões tradicionais não significam a perda da dimensão do transcendente, pois como diz o compositor: "mistério sempre há de pintar por aí".

Por isso é importante, em todos os momentos da vida, nos conectarmos com o Sagrado, mesmo que através de canções que são orações não-intencionais. Sobretudo nos momentos em que sentimos que está tarde e a noite sombria da insegurança, do medo e do desespero se aproxima.

